

APRESENTAÇÃO

As revistas literárias e os jornais, por meio de seus suplementos culturais, assumiram no século XX e ainda assumem um papel muito importante na difusão da poesia, sobretudo daquela contemporânea a cada período. Por meio de editoriais, artigos críticos, resenhas e entrevistas, matérias comuns nesses veículos de pequena a grande circulação, também estabelecem modos de ler a poesia de seu tempo, discutindo valores estéticos e éticos.

Quase todos os poetas de interesse do século XX criaram ou editaram revistas literárias, algumas nomeadamente de poesia, ou colaboraram com esse tipo de publicação, seja publicando seus poemas, seja com textos críticos sobre outras poéticas. Esses poetas normalmente estabelecem uma relação dialogante com os valores coletivos que estão na base dos periódicos em que atuam de alguma forma. Nesse sentido, vale lembrar que a maior parte de poemas e textos críticos de Fernando Pessoa, em vida, saiu em revistas e seu nome, juntamente com o de Sá Carneiro, está ligado de modo indissociável à *Orpheu*, revista “extinta e inextinguível”, como diria Pessoa, em torno da qual se organizou um movimento que permanece como tradição viva e fecunda.

Revistas literárias ou especificamente de poesia, em versão impressa ou on-line, continuam sendo editadas e lidas em nossa contemporaneidade, ainda que não tendam a constituir, como no século XX, uma comunidade assumidamente estética e/ou política. Também seções literárias em jornais de maior tiragem continuam a circular nestes tempos em que a recepção de poesia junto a um público, que não o constituído por outros poetas e críticos especialistas, é sempre bastante relativa.

A par dos periódicos, coleções propostas por editoras igualmente assumem um papel protagonista na circulação e recepção de poesia. Acompanhadas ou não de estudos analíticos, essas coleções assumem uma dimensão crítica na medida em que a escolha de textos e autores a serem publicados veiculam valorizações apreciativas dos editores e/ou organizadores.

Efêmeros ou duradouros, periódicos e coleções editoriais, quando findos, convertem-se em memória, em acervo, em fonte de pesquisa. Nesse sentido, esses veículos, mesmo quando não mais editados, tendem a ser, como *Orpheu*, inextinguíveis, mantendo uma função outra que não mais a de difundir a poesia de novos poetas, de formar um público leitor. Convertidos em testemunho de um tempo, de práticas poéticas, de modos de leitura e de pensamento, são fontes de informações que ajudam a rever edições, a reconsiderar aspectos da obra de autores, a recompor uma narrativa sobre valores poéticos em circulação em determinados períodos, reconfigurando memórias da escrita e de escritores, entre outros propósitos.

Ao considerarmos a importância desses veículos de difusão e crítica de poesia e especificamente a poesia produzida em Portugal e nos países africanos de língua portuguesa, este número da *Abril* reúne trabalhos sobre produção, circulação e recepção críticas de/sobre poesia, nesses espaços, por meio de revistas, jornais e coleções editoriais de poesia, impressos ou virtuais, em um arco temporal que vai do século XX ao XXI. O número também acolheu trabalhos sobre a produção crítica singular de alguns poetas portugueses e africanos de língua portuguesa nesse mesmo arco de tempo, divulgada em livros, periódicos e jornais, que demarcaram ou demarcam trajetos específicos de compreensão do lirismo moderno e contemporâneo. Recebeu ainda trabalhos sobre projetos literários luso-brasileiros ou luso-afro ou luso-afro-brasileiros de criação, divulgação e crítica de poesia. O que se lerá neste número, portanto, são dez artigos em torno dessas questões, além de uma resenha. Seis se vinculam aos estudos sobre produção e/ou circulação e/ou recepção de poesia em veículos como periódicos e coleções de poesia. Os outros quatro se voltam para o estudo de cenas de escrita de poetas específicos.

Abre o número um artigo em que Francisco Topa apresenta e comenta textos em prosa e verso, incluindo uma entrevista, da poeta angolana Alda Lara (1930-1962), levantados no *Jornal de Benguela*. Esses textos, não constantes na obra da autora publicada após sua morte, por seu marido e curador Orlando de Albuquerque, representam uma contribuição importante para sua fortuna crítica.

Na sequência, Camila de Toledo Piza Costa Machado examina textos de opinião (poemas e editoriais) do poeta moçambicano Virgílio de Lemos (1929-2013) sobre a revista *Msaho* (1952), que conheceu apenas um único número, tendo sido proibida pela Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE). Os textos examinados evidenciam que *Msaho* apresentava um projeto poético-político aberto, liberto de militâncias e protestos estigmatizados, implicando, simultaneamente, a afirmação da identidade moçambicana e a abertura para as outras culturas e os experimentalismos internacionais.

Clauber Ribeiro Cruz examina a *Coleção de Autores Africanos* da Editora Ática, publicada entre 1979 e 1991 e coordenada por Fernando Augusto Albuquerque Mourão. Essa coleção constitui o primeiro projeto

editorial sistêmico de divulgação das literaturas africanas no Brasil. O articulista, partindo de 27 obras que compõem a coleção, que incluiu apenas um livro de poesia (*Sagrada Esperança*, do angolano Agostinho Neto), de depoimentos de Mourão, de reportagens em periódicos, evidencia a relevância dessa produção seminal de títulos africanos no Brasil, que concorreu para o desenvolvimento de pesquisas, o surgimento de núcleos de estudos, a disseminação dos autores africanos em diversos espaços institucionais, enfim, para a formação de uma inteligência crítica sobre a temática.

O angolano Ruy Duarte de Carvalho (1941-2010) é objeto de análise de dois artigos. Claudia Fabiana de Oliveira Cardoso discute como a poesia do escritor, cineasta e antropólogo reconfigura aspectos do sagrado angolano. Por sua vez, Julia Goulart Silva realiza uma leitura de provérbios que aparecem no livro *Hábito da Terra* (1988), observando procedimentos poéticos que lhes são próprios. Esses provérbios, escritos originalmente nas línguas Nyaneka ou Kwanyama, foram traduzidos por Duarte de Carvalho para o português, de modo que a articulista repensa, como base em Walter Benjamin, o processo de tradução, cujo resultado é um texto poético que ultrapassa ideias tradicionais sobre tradução.

Na sequência, Gabriel Ortiz Voser procura demonstrar que a realização “performativa” da dramaturgia heteronímica de Fernando Pessoa (1888-1935) foi possível graças à publicação de seus textos em revistas/jornais de Lisboa, Porto e Coimbra por um período de 23 anos. Segundo Voser, por meio desses veículos, o autor e seus editores gradativamente disponibilizaram ao “uso” as diferentes “cenas” da dramaturgia dos heterônimos, para que cada leitor pudesse compor a sua totalidade do drama heteronímico.

Por sua vez, Andreia Alves Monteiro de Castro e Eduardo da Cruz discutem a possibilidade de o poema “A moda”, assinado por Soror Saudade e publicado em 1923 na revista *Portugal*, do Rio de Janeiro, ser de Florbela Espanca (1894-1830), desconhecida no Brasil, nessa ocasião, mesmo entre os imigrantes portugueses. Esse poema, não constando nos livros preparados por Florbela Espanca publicados em vida ou póstumos, nos manuscritos conhecidos, nos periódicos portugueses, viria a acrescentar uma peça nova à obra da importante poeta.

Os demais artigos voltam-se para poetisas portuguesas contemporâneas. Karine Ferreira Maciel apresenta a recepção inicial no Brasil da poeta portuguesa Adília Lopes, que começara a publicar na década de 80. A partir do início dos anos 2000, Adília ganha destaque no país, seja a partir da *Antologia* publicada em 2002 pela Cosac & Naify e pela 7Letras, seja pela atenção que recebe no nº 10 da revista *Inimigo Rumor*, de 2001, que lhe dedica a publicação integral do livro *O Poeta de Pondichéry* (1986), além de uma entrevista e dois ensaios críticos. A articulista resgata críticos da poeta, procurando entender as razões de sua recepção favorável entre nós.

O livro *Vim Porque me Pagavam*, de Golgona Anghel, nascida em 1979 na Romênia, mas vivendo há anos em Portugal, é examinado por Daniel de Oliveira Gomes, que estabelece um diálogo entre a autora e Cesário Verde, bem como lê nela ressonâncias de Al Berto, poeta sobre o qual a poeta defendeu tese na Universidade de Lisboa.

Neste ano em que *Mulher ao Mar*, primeiro livro da professora, tradutora, e escritora Margarida Vale de Gato completa dez anos, Tatiana Pequeno analisa esse projeto poético a partir de temas caros à crítica feminista. Ao fim do seu texto, a articulista apresenta ainda uma entrevista, gênero que também se configura como crítica, realizada com Vale de Gato em 2017.

Fecha o número uma resenha de Danilo Mataveli sobre *O Coração Pronto para o Roubo*, antologia de poemas de Manuel António Pina, lançada em 2018 pela editora 34 com organização de Leonardo Gandolfi.

Temos assim um conjunto de estudos que bem podem estimular a expansão de nossas leituras de poesia. Por isso, as organizadoras agradecemos aos autores e desejamos uma boa e proveitosa leitura!

Ida Alves (UFF)
Solange Fiuza (UFG)
Organizadoras